

Um outro Lima Barreto

Giovani T. Kurz¹

Resenha de NEGREIROS, Carmem. *Lima Barreto em quatro tempos*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

Ler Lima Barreto no século XXI implica a torção de certos parâmetros historicamente estabelecidos — a começar por se reconhecer, no escritor carioca, o responsável por uma obra multifacetada e de boa complexidade narrativa. É aí — nesse reconhecimento essencial — que existem novas possibilidades de se aproximar da literatura barretiana, rompendo certas continuidades inexplicáveis na recepção ao longo do tempo; a tradição crítica em torno do escritor é, desde seus primeiros momentos, dominada pelo viés biografista. Francisco de Assis Barbosa,² seu primeiro biógrafo, consolida um movimento que já se apresentava em Sérgio Buarque de Holanda,³ Lúcia Miguel Pereira⁴ e José Veríssimo,⁵ para citar apenas três dos mais conhecidos. O biografismo não morre, contudo, à publicação de *A vida de Lima Barreto*, em 1952. Nos anos 1980, Vera Regina Teixeira,⁶ enquanto busca enxergar o romance *Clara dos Anjos* por uma nova perspectiva, repisa exatamente a mesma trilha de seus antecessores. Em 2017, a publicação de nova biografia do escritor, *Lima Barreto: triste*

1 Mestrando em Estudos Literários, PPGL/UFPR.

2 “João Henriques [pai de Lima Barreto] no campo! Deve ser o mesmo espetáculo, magistralmente pintado no *Policarpo Quaresma*. Sem tirar nem pôr” (BARBOSA, 2017, p. 68).

3 “(...) confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais” (HOLANDA, 2017, p. 36).

4 “[Clara dos Anjos seria] porta-voz de suas próprias reflexões” (PEREIRA, 2017, p. 27).

5 “(...) a sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra de mais no seu livro *[Recordações do escrívão Isaías Caminha]*, tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto talvez a arte o exija” (VERÍSSIMO *apud* BARBOSA, 2017, p.187).

6 “(...) os dados pessoais de Clara saem diretamente da história familiar do autor, (...) quase sem elaboração artística” (TEIXEIRA, 1980, p. 44).

visionário, da antropóloga Lília M. Schwarcz,⁷ sublinha como, quase cem anos depois da morte de Lima, permanecem as aproximações à sua literatura com base em sua biografia, marginalizando as possibilidades de se estudar a ficção barretiana pelos seus mecanismos textuais.

Lima Barreto em quatro tempos, de Carmem Negreiros, compreende esse quadro e desvia de modo competente da inércia crítica que conduz as leituras da obra de Lima. A pesquisadora — professora da UERJ que há décadas se dedica ao estudo da literatura do escritor carioca, com obras como *Trincheiras de Sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*, de 1998, e *Lima Barreto. Caminhos de criação*, mais recente, de 2017, em coautoria com Ceila Ferreira — enfatiza a opção por fugir à “tradicional vinculação vida/obra”: “interessa-me o *como*, isto é, com quais recursos estéticos as crônicas, os romances ou os contos tornam-se ricos e únicos, uma vez que a significação da obra não está separada de sua forma” (NEGREIROS, 2019, p. 157). A estrutura do seu estudo já se apresenta no título: uma divisão da literatura de Lima Barreto em quatro grandes categorias — quatro “tempos”; a crônica, o conto, o romance e os “retalhos”. A autora ressalta ainda que seu empreendimento parte da necessidade de apresentar o escritor, “com os devidos cuidados e profundidade, a secundaristas, graduandos e pós-graduandos interessados em perscrutar a obra de Lima Barreto” (NEGREIROS, 2019, p. 9).

Desde o princípio, essa classificação da obra de Lima é, talvez com a exceção de *Lima Barreto e o espaço romanesco* que Osman Lins publicou em 1976, fuga à regra, uma vez que propõe a discussão da literatura de Lima considerando critérios literários — o que deveria ser ponto de partida no mais básico estudo sobre ficção. Ainda assim, Carmem Negreiros jamais retorna ao referencial crítico canônico sobre Lima Barreto, de modo a apontar suas imprecisões e ajeitar seu curso; Francisco de Assis

7 “Lima continua narrando, na boca de Isaías Caminha, o incidente que lhe marcou a existência” (SCHWARCZ, 2017, p. 123).

Barbosa, figura incontornável dos estudos barretianos, recebe algumas poucas menções. Sérgio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira e, mais recentemente, Lília M. Schwarcz, tampouco povoam o debate. Negreiros pensa a literatura de Lima por meio de Nietzsche e Piglia, de Benjamin e Agamben, de Rousseau e Bakhtin.

Com a intenção deliberada de introduzir o escritor a diferentes públicos, Negreiros parte desse lugar diferente — em que os dados biográficos têm, quando muito, importância apenas relativa, subordinados sempre à demanda do texto. Ao pensar suas crônicas, o gênero que é possivelmente o mais atravessado pela vivência do escritor, a autora as apresenta como o lugar da reflexão sobre o espaço (urbano) e da captura fragmentada do Rio de Janeiro — espaço (literário) de reconstrução da experiência de constante metamorfose e consequente aceleração da capital federal. Aliado sempre ao espaço (urbano e literário), o tempo (sua percepção em meio à cidade; sua transposição à leitura) é sempre protagonista desses textos breves — “a crônica vai mostrar a cidade em fragmentos (...) desde lugares efervescentes de luxo e esplendor até ruelas, esburacadas (...). Serão, portanto, os diferentes flashes de tempos e espaços [...], da cidade para a história e memória cultural ou vice-versa” (NEGREIROS, 2019, p. 25). Observando essa matriz de cidade disjuntiva e veloz, parcialmente modernizada e parcialmente esquecida, aparecem críticas sociais mordazes — “a problematização de valores da classe média na história cultural brasileira” (NEGREIROS, 2019, p. 30) — e a composição de um mosaico de existências individuais — “uma pintura de costumes e atitudes dos homens, com acento para as pequenas ficções que tecem para si mesmos” (NEGREIROS, 2019, p. 31). Central é também a seção dedicada ao debate sobre feminicídio nas crônicas de Lima, sobre o qual a autora sublinha de imediato a sensibilidade do escritor “à importância das mulheres no conjunto social e à necessidade de serem respeitadas em sua individualidade”, e destaca sua luta “contra a educação sentimental feminina, a educação para o consumo e a falta de projeção de

independência em esfera diferente do casamento” (NEGREIROS, 2019, p. 41).

Entre os grandes méritos de Carmem Negreiros em seu estudo está, indiscutivelmente, a percepção de Lima Barreto como um escritor que persegue um projeto linguístico-literário. Já na primeira seção, ao ler as crônicas, a autora destaca a construção de “uma nova sintaxe” (NEGREIROS, 2019, p. 39) que captura as dinâmicas tanto de quem vê quanto de quem é visto — sua ênfase à forma reaparece na leitura dos romances. Antes, contudo, é o conteúdo que ganha projeção: ao abordar os contos do escritor, Negreiros propõe três análises pontuais que compõem o quadro das narrativas breves de Lima — a autora coloca sob o microscópio *Um especialista*, *Um e outro* e *O homem que sabia javanês*. Nesse tríptico, saltam aos olhos temas condutores: o olhar sobre “mulata” e seu lugar; a modernização e as conseqüentes fetichização da mercadoria e reificação das relações; os papéis do saber e do sábio, o conhecimento enquanto signo. Negreiros coloca os contos de Lima Barreto em perspectiva, de modo a vê-los ao lado de textos de Tchekhov e Poe. O olhar sobre a técnica narrativa se faz sempre presente, assim como a ênfase no papel do leitor — “o narrador não oferece a escolha de uma versão verdadeira, não resolve as ambigüidades e dilemas, mas projeta o leitor na própria experiência narrada para que ele tome um partido ou crie seu próprio pensamento sobre as situações e seus atores” (NEGREIROS, 2019, p. 83). E é conduzida pelo olhar aos mecanismos atuantes da construção ficcional que a autora passa à seção seguinte, em que lê os romances de Lima.

Parte-se do senso comum sobre Lima Barreto para pensar seu romance de estreia: “*Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi lido como uma espécie de autobiografia mal resolvida ou um romance com sérios problemas formais em sua constituição” (NEGREIROS, 2019, p. 87). Retomando seus leitores canônicos, de José Veríssimo a Lilia Schwarcz, a análise do texto parte inquestionavelmente do pressuposto de que Isaías

Caminha é Lima Barreto — Francisco de Assis Barbosa, em 1952, já sublinhava a hegemonia dessa perspectiva crítica: “já foi dito e redito que Isaías Caminha e Lima Barreto são uma só pessoa” (BARBOSA, 2017, p. 163); Schwarcz, por sua vez, expande a projeção de Lima sobre todos os seus personagens: “Ele era Isaías Caminha, Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos, Vicente Mascarenhas, e vivia assombrado por todos eles” (SCHWARCZ, 2017, p. 138).

O exercício de mediação entre autor empírico, narrador e personagens, tão importante e necessário à leitura de ficção, nunca encontrou terra fértil nos leitores de Lima Barreto. Por opção metodológica ou desconhecimento, durante décadas a crítica repisou de modo incansável os referenciais biográficos do escritor. E nessa ruptura com a corrente crítica há o núcleo fundamental do estudo de Carmem Negreiros: a compreensão do projeto ficcional de Lima e a utilização das ferramentas teóricas necessárias para destrinchá-lo e elucidá-lo. Ao ler o livro de estreia, a autora enfatiza que

Recordações do escrivão Isaías Caminha simula um discurso autobiográfico e aprofunda a tendência subversiva do romance, como gênero. Explora a lábil relação entre vida e obra, situando-se nesse espaço movedição que exige do leitor a habilidade para se mover sem conceder a primazia a nenhum deles, permanecendo na complexa e porosa zona de ambiguidade criada pelo romance. (NEGREIROS, 2019, p. 94)

Nota-se, assim, o jogo de vozes produzido no romance e que permeia integralmente a obra ficcional de Lima Barreto — não à toa, Lilia Schwarcz enxerga uma “presença” do escritor em cada um de seus personagens. “O romance contamina-se, então, de discurso autobiográfico, assim como o autobiográfico matiza-se de ficção. Esse processo relativiza os limites do ficcional e expõe os impasses da escrita” (NEGREIROS, 2019, p. 95). De fundamental, Negreiros sublinha ainda uma dimensão do projeto ficcional de Lima que muitas vezes passa despercebida: para a autora, sua literatura

“exige do leitor nova maneira de percepção” (NEGREIROS, 2019, p. 96); “Lima Barreto tensiona, na própria escrita, a fratura entre essas diversas práticas discursivas” (NEGREIROS, 2019, p. 100). A dissolução da ideia de um romance esteticamente frágil é, enfim, o horizonte do estudo de Negreiros.

Sobre o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance mais conhecido de Lima, a análise da autora volta a tratar prioritariamente do seu conteúdo, uma vez que estruturalmente o romance não aparece incluído nas percepções críticas de confissão ou fragilidade narrativa. Fala-se em memória e identidade cultural, pensando em Quaresma como um “escavador” de imagens culturais (NEGREIROS, 2019, p. 115), além de uma retomada da ideia do “saber” como motivo constante na literatura de Lima Barreto. Neste romance, o descompasso entre o estudo incansável do protagonista e sua incapacidade de interferência efetiva na realidade dão forma ao problema do conhecimento. Por fim, Negreiros retoma ainda a questão espacial, que havia aparecido na leitura das crônicas, para pensar tanto a construção do país quanto da paisagem em *Triste fim* — “Que pensamento de paisagem contamina o olhar de Policarpo Quaresma? Por que imagens de rios, mares, florestas, coqueiros e palmeiras e uma natureza exuberante acalentam sonhos e sentimentos de identidade cultural?” (NEGREIROS, 2019, p. 118); nota-se que

A viagem de Policarpo Quaresma em direção à cultura desautomatiza o olhar do leitor para as narrativas que, disseminadas pela literatura, inventam a nação, a paisagem e a brasilidade. Processo sofisticado e interessante que denominei *palavra, país, paisagem* e significa compreender o papel da literatura, num país de muitos analfabetos, como fabulação poderosa capaz de desenhar o país, a paisagem e, sobretudo, sugerir o que é ter sensibilidade brasileira. (ibid., p. 137, grifos do autor)

A quarta e última seção — o quarto “tempo” do estudo — trata dos retalhos da obra de Lima Barreto. A leitura dos fragmentos de seus diários, notas, planos e esboços, da qual parte a análise de Carmem Negreiros, é basilar na compreensão da construção de uma certa figura do escritor. A autora menciona como o espaço criado para a exposição de sua vida pessoal fez de Lima produto das impressões de seus leitores:

Essa prática deu margem aos leitores para a elaboração de uma imagem do autor, a partir de pistas deixadas nos textos, como uma cadeia de significantes a delinear o perfil de Lima. Essa construção narrativa que dá visibilidade ao privado revela dupla fragilidade: a do íntimo que excede muito a história pessoal porque é atravessada pelo público; e a que expõe a precariedade e até artificialidade do que se assume como autobiográfico. (NEGREIROS, 2019, p. 141)

Parte daí uma conclusão fundamental da leitura de Negreiros: “A imagem do escritor resultante desse movimento é uma mescla dos desejos e expectativas de leitores reunidos às pistas do projeto de constituição de identidade, deixadas pelo escritor” (NEGREIROS, 2019, p. 142). A autora retorna aos manuscritos de Lima — tanto os autógrafos constitutivos do seu projeto ficcional quanto outros “retalhos” — para ressaltar o papel importantíssimo que a crítica genética pode desempenhar diante da obra barretiana. Como “não se trata, aqui, de recuperar o texto conforme a disposição original na busca por um arquétipo textual ou do estabelecimento de um texto, conforme a ‘vontade’ do autor” (ibid., p. 147), o objetivo seria, assim, “entender a função desses cadernos como registro de memória individual e social e, especialmente, da relação desses registros com a reflexão sobre a particularidade de apresentação dessas memórias e o que dizem sobre o sujeito que lembra” (ibid., p. 147). Extrai-se daqui um sentido novo para o gesto de escritura de Lima Barreto, pois tais “retalhos” — fragmentos de diário, planos, anotações, rascunhos — atuam como testemunhas do processo criativo do escritor e podem se chocar com a

visão que domina as leituras críticas de sua obra há mais de cem anos — afirmações tanto de relaxo e pressa quanto da convicção de que sua ficção carregaria um traço confessional, explosivo.

O retorno aos elementos que compõem o percurso de escritura abre a possibilidade de se enxergar um outro Lima Barreto — não um homem marginalizado, um alcoólatra, uma vítima do racismo de seu tempo (e do nosso) que escreve, mas um escritor, pura e simplesmente. É hora de abandonar os referenciais biográficos e o retorno às vivências do escritor e percebê-lo, em vez disso, como alguém profundamente preocupado com a língua, suas formas e possibilidades — seus manuscritos o atestam e Carmem Negreiros o afirma:

Lima Barreto tem constante atitude combativa e procura por todos os meios, pela diversidade, pela variedade, pelas equivalências, concomitâncias, sincretismos, mostrar que a fixidez autoritária da gramática estava longe de corresponder à realidade viva da língua nas suas infinitas possibilidades. (NEGREIROS, 2019, p. 89)

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 35-47.

NEGREIROS, Carmem. *Lima Barreto em quatro tempos*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Introdução. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 25-34.

SCHWARCZ, Lilia M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2017.

TEIXEIRA, Vera Regina. Clara dos Anjos de Lima Barreto: biópsia de uma sociedade. *Luso-Brazilian Review*, v. 17, n. 1, p. 41-49, 1980.

Recebido em: 18/06/2020

Aceito em: 26/11/2021